



Discursismo matemático: reflexões sobre a ausência de sinais convencionados em Libras na Educação Matemática e a emergência de um conceito

Djeison Machado¹

Rosilene Beatriz Machado²

Janine Soares de Oliveira do Carmo³

Resumo do trabalho: Este texto apresenta os resultados de uma tese de doutorado, concluída em julho de 2025, que investigou os enunciados circulantes no campo da Educação Matemática sobre a ausência de sinais convencionados em Libras para termos específicos da matemática. O estudo foi ancorado nos pressupostos da análise foucaultiana do discurso e utilizou como *corpus* as publicações presentes nos anais do Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI). A análise permitiu a emergência de dois enunciados: a Libras é uma língua incompleta para estudar matemática e é difícil ensinar e aprender matemática sem sinais convencionados. A pesquisa partiu da problematização pela busca entre uma equivalência direta entre os sinais em Libras e os termos específicos da matemática existentes na língua portuguesa e passou por diversas reflexões que culminaram na elaboração do discursismo matemático. O discursismo matemático foi conceituado como um dispositivo que articula discursos, instituições, saberes e tecnologias para normalizar o estudante surdo e marginalizar a Libras. Como estratégia de resistência e contraconduta, propôs-se o princípio da boa construção discursiva e um ensino de matemática guiado por uma analogia com bonecas russas, visando explicitar a rede interna de conceitos matemáticos independentemente da existência de sinais específicos dos termos matemáticos em Libras. A pesquisa buscou tecer contribuições para repensar práticas inclusivas sob o viés da linguagem, defendendo a Libras como língua legítima e plena para o ensino matemático.

Palavras-chave: Educação matemática; Libras; Ausência de sinais; Análise foucaultiana; Discursismo matemático.

1 Nossas inquietações e um convite

Temos dois objetivos principais com esta escrita. O primeiro, compartilhar com a comunidade científica uma pesquisa realizada em nível de doutorado, defendida em julho de 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Apresentaremos em linhas gerais alguns resultados e reflexões que foram desenvolvidos na tese, tornando assim este texto um convite à leitura completa do

¹ Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina, djeisonmachado@gmail.com.

² Universidade Federal de Santa Catarina, rosibmachado@gmail.com.

³ Universidade Federal de Santa Catarina, janinemat@gmail.com.



trabalho disponível no repositório institucional da UFSC. O segundo, colocar em discussão a necessidade urgente de dialogarmos, refletirmos e produzirmos outras formas de ensinar matemática que superem a paralisia que ocorre diante da ausência de sinais convencionados para os termos específicos da matemática escolar.

A pesquisa partiu de nossos incômodos pessoais sobre algumas crenças estabelecidas sobre a ausência de sinais em Libras (Língua Brasileira de Sinais) que circulam no campo da Educação Matemática, como as que se manifestam nos recorrentes relatos de professores e intérpretes educacionais que afirmam enfrentarem obstáculos para ensinar matemática ao estudantes surdos devido à ausência de sinais convencionados para os termos específicos do vocabulário da matemática escolar (Vasconcelos, 2010; Camini, 2019; Muniz, 2021; Palheta, 2022; Oliveira e Machado, 2023; Machado e Oliveira, 2023).

Investigamos os enunciados que circulam no campo da Educação Matemática sobre a ausência de sinais convencionados em Libras para termos específicos da matemática e estabelecemos como objetivos específicos: emergir enunciados das produções publicadas nos anais do ENEMI acerca da ausência de sinais convencionados em Libras para termos matemáticos; averiguar como tais enunciados se entrelaçam com outros discursos que circulam no campo da Educação Matemática; analisar de que modo os efeitos de verdade produzidos pelos enunciados operam na produção e configuração dos sujeitos; produzir contracondutas que viabilizem o surgimento de novas abordagens didáticas para o ensino de matemática em turmas inclusivas com estudantes surdos e ouvintes (Machado, 2025).

Não buscamos apresentar uma "última verdade" sobre a ausência de sinais em Libras para o ensino de matemática, apenas nos colocamos a explorar as relações de saber e de poder que sustentam discursos que influenciam professores que ensinam matemática e pesquisadores, assim como seus possíveis impactos nas formações escolares de estudantes surdos.



2 O que já se produziu no campo sobre a ausência de sinais convencionados

Realizamos uma busca de teses e dissertações (finalizada em 25 de março de 2025) no banco de dados on-line do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando os termos “matemática surdez”, “matemática surdo”, “matemática surda”, “matemática Libras” e “matemática língua de sinais”. Conseguimos selecionar 203 trabalhos, 174 dissertações e 29 teses relacionadas ao ensino de matemática para estudantes surdos. Destas, filtramos aquelas que tiveram como foco principal discutir a ausência de sinais convencionados para os termos específicos da matemática ou que se debruçaram sobre traduções do vocabulário matemático existente em Língua Portuguesa para a Libras. Destacamos, como exemplo, as pesquisas de Martins (2019), Atayde (2019), D’Azevedo (2019), Carvalho (2017), Castro (2018) e Costa (2019). A leitura desses trabalhos nos permitiu notar que há um interesse em acadêmico em investigar a equivalência direta entre o vocabulário da Língua Portuguesa e da Libras com relação aos termos específicos utilizados nas aulas de matemática (Machado, 2025).

Reconhecemos que não há uma equivalência direta entre o vocabulário de termos específicos da matemática que existe em Libras com o vocabulário que existe em Língua Portuguesa. Contudo, colocamos para debate o argumento de que a falta de um sinal convencionado ou o desconhecimento dele para um termo específico, como “hipotenusa”, é um dificultador para que um professor que ensina matemática possa construir um discurso em Língua Portuguesa que seja traduzido para Libras, como tais pesquisas colocaram. Há outras formas para falarmos sobre a “hipotenusa”, no contexto do ensino do Teorema de Pitágoras, sem o uso deste termo que existe em Língua Portuguesa e seu sinal diretamente equivalente em Libras, por exemplo: “no triângulo que possui um ângulo que mede 90° , o lado com a maior medida de comprimento”. Sendo assim, por que há tantas pesquisas que colocam a ausência de sinais convencionados em Libras para termos específicos da matemática como um problema?



3 O referencial teórico que nos permitiu olhar de outras formas

Distanciamo-nos da visão de que a Libras é uma língua incompleta e ancoramo-nos nas teorizações de Michel Foucault para compreender a linguagem como produtora de regimes de verdade ligados a redes de poder (Machado, 2025). Ao mobilizarmos conceitos foucaultianos como linguagem, discurso, enunciação, enunciado, verdade, poder, governamentalidade, disciplina, conduta e contraconduta, buscamos interrogar de forma produtiva o presente momento em que vivemos a partir dos ditos que circulam no campo da Educação Matemática sobre a ausência de sinais convencionados em Libras. Por termos assumido a perspectiva foucaultiana em nossa investigação, compreendemos que nossa análise não seria focada em uma busca por um discurso fundamental ou contínuo, mas sim nas condições e interesses que permitiram que os discursos emergissem, se cruzassem e se transformassem historicamente. Afinal, conforme disse Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 2014, p. 10). Assim, problematizamos os discursos da Educação Matemática que encaram essa ausência de equivalência entre todos os termos matemáticos da Língua Portuguesa e os sinais da Libras como um problema a ser superado para abriremos novos questionamentos que promovam outras práticas de ensino (Oliveira e Machado, 2023; Machado e Oliveira, 2023).

Destacaremos aqui apenas dois conceitos centrais: a enunciação, configurada como um ato singular de linguagem (Goes, 2015), e o enunciado, considerado a condição de existência e o “átomo” do discurso (Sartori, 2015; Veiga-Neto, 2016). Sob essa lente, assumimos que a verdade não é uma essência a ser descoberta, mas uma invenção produzida no mundo por meio de múltiplas coerções e práticas discursivas de cada sociedade, gerando efeitos de poder. Assim, ao analisarmos a trama desses enunciados, focamos nas condições que permitiram sua emergência histórica e nos efeitos de verdade que impactam os sujeitos. Sob essa lente teórica, rompemos com a premissa de que as verdades



são essências descobertas pela razão e assumimos que a verdade é uma invenção forjada no interior das próprias práticas discursivas, estando intrinsecamente atrelada àquilo que se convencionou validar como verdadeiro.

4 A produção dos enunciados

O Encontro de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI), tutelado pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), a cada nova edição se consolida como um lugar privilegiado para a circulação de pesquisas e debates de temas que interessam à Educação Matemática Inclusiva. Assim, escolhemos os anais do ENEMI como lugar para produção do corpus inicial de análise, pelo fato do evento ser “um lugar que se alinha com as formulações foucaultianas por se configurar como um espaço no campo da Educação Matemática como produtor de verdades” (Machado, 2025, p. 44).

Para a constituição do *corpus* analítico da tese, estruturamos o processo de seleção das comunicações científicas e relatos de experiências publicados nos anais do ENEMI (2019, 2020 e 2023) em três etapas consecutivas de refinamento. Inicialmente, uma triagem por títulos e resumos consolidou 99 trabalhos voltados ao ensino de matemática para surdos. Em seguida, uma leitura dinâmica excluiu as publicações que não problematizavam a ausência de sinais, resultando em 19 textos. Por fim, uma leitura atenta dessas produções permitiu a extração de 27 enunciações diretas sobre o tema, as quais constituíram o *corpus* definitivo de análise da tese.

5 Enunciados e entrelaçamentos

Seguindo o referencial teórico-metodológico foucaultiano, investigamos como as concepções acerca da ausência de sinais convencionados em Libras para termos específicos da matemática não se configuram como constatações neutras ou fatos isolados. Ao contrário, evidenciamos que essas percepções são construções discursivas que ganham materialidade e força ao se articularem com



regimes de verdade mais amplos, que circulam historicamente e socialmente em outros campos da Educação. Da imersão analítica em nosso *corpus*, fizemos emergir dois enunciados centrais, que se entrelaçam em uma complexa trama de discursiva com outros ditos, conforme mostraremos nos parágrafos seguintes.

O primeiro enunciado, forjado a partir das enunciações descritas na tese, diz que *a Libras é uma língua incompleta para estudar matemática*, se atrela a um discurso que posiciona a Libras como uma língua incompleta ou insuficiente para o contexto do estudo matemático. Esta percepção decorre do desejo de encontrar uma equivalência direta e quantitativa entre as palavras da Língua Portuguesa e os sinais da Libras. Quando não existe um sinal específico para um termo matemático (como "divisor" ou "hipotenusa"), assume-se equivocadamente que a Libras é deficiente. Rejeitamos categoricamente esta visão, refutamos os preconceitos históricos que reduzem as línguas de sinais a meras mímicas, pantomimas ou a derivações subordinadas das línguas orais. Utilizamos exemplos de bilinguismo natural, como o do povo indígena Ka'apor (Lopes, 2011) e o da comunidade de Martha's Vineyard (Gesser, 2009), para mostrar que estas línguas são sistemas linguísticos complexos, genuínos e independentes, com gramática, sintaxe e semântica próprias. Discutimos também que a pressão para que a Libras espelhe de forma exata o vocabulário escrito da Língua Portuguesa reflete, na verdade, uma imposição do modelo oral sobre a cultura surda.

Já o segundo enunciado, cujas enunciações que o formam também estão detalhadas na tese, diz que *é difícil ensinar e aprender matemática sem sinais convencionados*, atrela as dificuldades intrínsecas ao ensino e à aprendizagem da matemática diretamente à falta de sinais padronizados, conforme pode ser visto nas enunciações abaixo.

Professores e intérpretes justificam frequentemente as falhas de comunicação e as lacunas na aprendizagem com a escassez de vocabulário matemático oficial em Libras. Como resposta, ocorre um esforço contínuo para criar ou negociar novos sinais locais de forma a suprir essas ausências. No entanto,



alertamos que esta abordagem reduz o ato complexo da interpretação a uma simples associação mecânica do tipo "palavra-sinal". A mera invenção de um gesto para representar a "fórmula de Bhaskara" ou uma "matriz" não garante que um estudante surdo compreenda verdadeiramente o conceito matemático que sustenta e norteia os procedimentos e resoluções de questões.

Constatamos que esses dois enunciados não operam no vazio. Eles adquirem caráter de verdade ao se entrelaçarem com outros discursos historicamente produzidos como o ouvintismo (Skliar e Quadros, 2000), audismo (Lopes, 2011), governo linguístico (Witchs e Lopes, 2020), ideologia da certeza matemática (Damázio Júnior e Verson, 2019) e deficiencialismo (Souza, 2015). Problematicamos a constante comparação entre a Libras e a Língua Portuguesa, e evidenciamos que a obsessão por encontrar sinais matemáticos equivalentes mascara problemas mais profundos na educação inclusiva.

6 O discursismo matemático como dispositivo para análise

Aprofundamos a análise das relações de poder e exclusão no ensino de matemática para surdos por meio do conceito de *discursismo matemático*, definido da seguinte forma:

*O **discursismo matemático** é um dispositivo que opera nas aulas de matemática que conecta discursos, instituições, saberes e tecnologias sobre o ensino de matemática para estudantes surdos. Ele surge devido à urgência estratégica da inclusão de estudantes surdos em escolas comuns, mas o faz sob uma lógica que perpetua a marginalização da Libras e a normalização dos corpos surdos. Ao moldar o que é dito e, por consequência, o que se é percebido e feito no ensino da matemática para estudantes surdos, o discursismo matemático influencia as relações entre estudantes surdos, intérpretes e professores. Além disso, fabrica relações de poder e exclusões nas aulas de matemática em salas de aulas inclusivas com estudantes surdos (Machado, 2025, p. 90, grifos do autor).*

Embora surja a partir da urgência estratégica da inclusão escolar, o *discursismo matemático* opera sob uma lógica que perpetua a marginalização da Libras e busca a normalização dos corpos surdos a partir do referencial audista



(Lopes, 2011). Discutimos como esse dispositivo tenta forçar a Libras a atuar como um mero espelho ou tradução direta da Língua Portuguesa, desvalorizando seu potencial como língua de instrução autônoma.

Além de moldar práticas pedagógicas, apontamos como *discursismo matemático* afeta e fabrica os sujeitos submetidos a ele. Destacamos três sujeitos diretamente produzidos por essa dinâmica. O primeiro, um *estudante surdo marcado pela dificuldade*, construído pelo dispositivo como incapaz ou deficiente devido à suposta insuficiência da Libras e à ausência de sinais convencionados. O segundo, um *hermetista matemático*, um professor ou pesquisador que atua como agente reprodutor e fortalecedor do discursismo por utilizar uma linguagem matemática excessivamente técnica, fechada e inacessível (hermética), que não negocia sua comunicação para torná-la acessível aos estudantes surdos e intérpretes. O terceiro e último, um *contra-hermetista*, sujeito de oposição e resistência às práticas do discursismo matemático, configurando-se como uma forma de contraconduta.

Discutimos na tese como o modelo atual de ensino não apenas constata obstáculos, mas ativamente cria e mantém estruturas de desigualdade, culpabilizando os estudantes surdos por não corresponderem às mesmas expectativas construídas para ouvintes. Emergir o conceito de *discursismo matemático* não foi uma ação para gerar culpabilização por naturais oscilações dos professores ouvintes entre posturas hermetistas e contra-hermetistas. Nossa intenção foi a de evidenciar que precisamos estar vigilantes constantemente sobre nossas práticas docentes quando ensinamos matemática para que possamos, de fato, construir outras estratégias de ensino que priorizem os direitos de aprendizagem dos estudantes surdos ao invés de uma normalização linguística.

7 Possibilidades de contracondutas

Propomos caminhos para resistir ao *discursismo matemático*, deslocando o foco das teorias cognitivas para uma perspectiva fundamentada na filosofia da



linguagem. Defendemos que aprender é adquirir a capacidade de participar de novos jogos de linguagem, um processo denominado *aprendizer* (Machado, 2022). Nesse cenário, o ensino configura-se como um ato de *ensinar-traduzir* (Machado, 2022), onde o professor atua como tradutor das regras e relações conceituais, não um mero reproduzidor de termos específicos da matemática.

Para a inclusão efetiva de estudantes surdos, apontamos como possibilidade o *princípio da boa construção discursiva* (Machado e Oliveira, 2023). Em vez de se limitar à busca por sinais em Libras equivalentes a termos técnicos, uma prática focada na memorização que pode paralisar o ensino, propomos que por meio de estratégias de linguagem que seja explicitado aos estudantes a rede interna de significações que sustentam o conceito que se pretende ensinar. Uma comunicação bem estruturada é vital não apenas para a compreensão do estudante surdo, mas para garantir que o intérprete de Libras tenha o contexto necessário para realizar escolhas tradutórias autônomas e precisas (Machado e Oliveira, 2023).

Para atuar em contraconduta, exploramos a analogia das bonecas russas (Machado, 2025). Como os conceitos matemáticos são aninhados, temas complexos, como o teorema de Pitágoras, apoiam-se em saberes elementares como os conceitos de triângulos e ângulos. Nessa analogia o papel do professor deve ser o de “abrir” as bonecas discursivamente, revelando os conhecimentos basilares que sustentam a nova aprendizagem. Ao recusar o vocabulário hermético e focar na articulação clara dessa rede conceitual, o ensino se torna um convite ao diálogo (Machado, 2022) e ganha potência para superar as barreiras colocadas pelo *discursismo matemático*.

8 Considerações finais

A pesquisa que aqui apresentamos em linhas gerais propõe uma profunda ressignificação do ensino de matemática para estudantes surdos. Ao deslocar o problema da ausência de sinais em Libras para a análise crítica do *discursismo*



matemático, mostramos como as práticas atuais frequentemente perpetuam exclusões e impõem uma lógica audista que marginaliza a Libras e os estudantes surdos em salas de aulas inclusivas. Reconhecer a Libras como um sistema linguístico autônomo e complexo é um passo fundamental para rompermos com a visão deficitária que rotula o estudante surdo e engessa nossas práticas docentes. Reiteramos aqui o convite para a leitura completa da tese, afim de que possamos discutir, refletir e amadurecer entre nós (professores, intérpretes, pesquisadores, surdos e ouvintes) tudo o que lá foi colocado.

Referências

ATAYDE, S. T. S. D. **O uso da Libras na matemática do ensino fundamental:** uma proposta de glossário. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede) - Programa de Pós-graduação em Matemática em Rede Nacional, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2019.

CAMINI, L. **Educação Matemática para surdos:** Uma análise das publicações do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) - Graduação em Matemática, Centro de Ciências Físicas e Matemática, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CARVALHO, D. C. T. D. **Calculibras – construindo um glossário de matemática em Libras na WEB.** 2017. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CASTRO, V. F. D. **Ensino de matemática em libras:** sinais que fazem falta. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional) - Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, W. C. L. D. **O Modelo Referencial da Linguagem na tradução- interpretação da linguagem matemática pelos surdos usuários da LIBRAS.** 2019. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

D'AZEVEDO, R. P. **Terminologia da matemática em língua de sinais brasileira:** proposta de glossário bilíngue libras-português. 2019. Dissertação



(Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

DAMÁZIO JÚNIOR, V.; VENSON, D. L. Reflexões Sobre Matemática e Verdade. **Bolema**, Rio Claro, v. 33, n. 63, abril 2019. 434-448.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GESSER, A. **Libras? que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

GOES, A. **Tornar o aluno crítico**: enunciado (in)questionável no discurso da Educação Matemática. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MACHADO, D. **Discursismo matemático**: emergência e reflexões a partir de uma investigação foucaultiana sobre a ausência de sinais convencionados em Libras para termos específicos da matemática. 2025. Tese de doutorado (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

MACHADO, R. B. Irene vista de dentro, outra vez. Ou, sobre um aprendiz e um ensinar-traduzir [matemática]. **Revista Eletrônica de Educação Matemática - REVEMAT**, Florianópolis, v. 17, 2022. 01-20.

MACHADO, R. B.; OLIVEIRA, J. S. D. A importância da construção discursiva por parte do professor [de matemática] para a atuação do intérprete de LIBRAS em salas de aulas inclusivas. **Revista Eletrônica de Educação Matemática - REVEMAT**, Florianópolis, v. 18, p. 01-28, 2023.

MARTINS, L. A. **Educação matemática para surdos**: contribuições de um glossário para o ensino de probabilidade e estatística. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciências e para Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática, Instituto Federal de Educação, Jataí, 2019.



MUNIZ, Q. H. M. A. **Reflexões sobre o Ensino de matemática para surdos:** Uma Revisão sistemática de 2015-2020. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021, 2021.

OLIVEIRA, J. S. D.; MACHADO, R. B. A aula é de matemática! E agora? A importância do conhecimento extralinguístico para uma boa construção discursiva em LIBRAS por parte do intérprete educacional. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 43, p. 01-32, 2023.

PALHETA, D. F. **Formação em matemática para intérpretes de Libras:** uma análise temática do I FormaGepam. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SARTORI, A. S. T. **O lúdico na educação matemática escolar:** efeitos na constituição do sujeito infantil contemporâneo. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SKLIAR, C.; QUADROS, R. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 32-51, dez. 2000.

SOUZA, R. M. J. D. **Deficiencialismo:** a invenção da deficiência pela normalidade. 2015. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

VASCONCELOS, M. D. C. A experiência no ensino e aprendizagem matemática para alunos surdos. In: X Encontro Nacional de Educação Matemática. **Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática**, Salvador, BA, 2010.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

WITCHES, P. H.; LOPES, M. C. Vulnerabilidade linguística e educação de surdos. **Momento: diálogos em educação**, Rio Grande, v. 29, n. 1, p. 203-221, jan./abr. 2020.